



Artigo

Robson Borssuk Kock
Tatiana Ribas da Silva
Ana Paula Cabral Bonin Maoski
Gilmar Francisco Afonso

Recebido: 05 de agosto 2024

Revisado: 30 de abril 2025

Aceito: 16 de outubro 2025

Publicado: 15 de dezembro 2025

Basquete aos domingos: Uma Análise pelo Modelo dos 5Es em praça de Curitiba

Resumo

A prática de basquete em espaços públicos abertos representa um relevante fenômeno sociocultural. Este estudo tem como objetivo analisar as dinâmicas de um grupo de jogadores que praticam basquete aos domingos em uma praça de Curitiba, utilizando o modelo analítico dos 5Es, proposto por Marchi Júnior (2015). A pesquisa qualitativa e descritiva utilizou entrevistas semiestruturadas, cujos dados foram submetidos à Análise de Conteúdo. A dimensão Emoção revela experiências afetivas antes, durante e após os jogos; a Estética abrange a percepção sobre a aparência e manutenção da quadra; a Ética explora dilemas e condutas no jogo e fora dele; e o Espetáculo envolve inspiração em ídolos e consumo associado ao esporte. A dimensão Educacional atua como eixo integrador, promovendo uma compreensão holística do fenômeno. Os resultados indicam que a prática neste contexto transcende o esporte, incorporando aspectos emocionais, estéticos, éticos e espetaculares, o que reforça sua importância sociocultural. Conclui-se que o modelo dos 5Es é uma ferramenta analítica útil para investigar as multifacetadas dinâmicas socioculturais do esporte em espaços públicos, oferecendo recursos sobre as necessidades dos usuários e os desafios para a gestão e fomento de práticas de lazer comunitárias nesses locais.

Palavras-chave: Basquete; Modelo 5Es; Espaço Público Aberto; Sociologia do Esporte; Lazer.

Abstract

The practice of basketball in open public spaces represents a relevant sociocultural phenomenon. This study aims to analyze the dynamics of a group of players who practice basketball on Sundays in an Open Public Space in Curitiba, using the 5Es analytical model, proposed by Marchi Júnior (2015). The qualitative and descriptive research used semi-structured interviews, the data from which were analyzed using Content Analysis. The Emotion dimension reveals affective experiences before, during, and after games; Aesthetics covers perceptions regarding the court's appearance and maintenance; Ethics explores dilemmas and conduct both on and off the court; and Spectacle involves inspiration from idols and consumption associated with the sport. The Educational dimension acts as an integrating axis, promoting a holistic understanding of the phenomenon. The results indicate that the practice in this context transcends the sport itself, incorporating emotional, aesthetic, ethical, and spectacular aspects, which reinforces its sociocultural importance. It is concluded that the 5Es model is a useful analytical tool for investigating the multifaceted sociocultural dynamics of sport in public spaces, offering insights into user needs and the challenges related to the management and promotion of community leisure practices in these environments.

Keywords: Basketball; 5Es Model; Public Space; Sociology of Sport; Leisure.

Introdução

O esporte, como fenômeno social e cultural, tem sido objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, como a sociologia, a antropologia, a história e a filosofia. A definição do esporte é complexa e tem sido abordada sob diferentes enfoques ao longo do tempo, sendo frequentemente compreendido como uma atividade física competitiva, regida por regras que pode ser praticada para fins de recreação, desenvolvimento físico e mental, bem como em alto rendimento. Coakley (2007), por exemplo, define esporte como uma atividade física institucionalizada que envolve competição ou habilidades específicas, impulsionada por motivações intrínsecas e extrínsecas. Já Guttmann (2004) aponta que o esporte moderno se caracteriza por: secularização, igualdade, especialização, racionalização, burocracia, quantificação e busca pelo recorde.

No campo da sociologia do esporte, teóricos como Norbert Elias e Pierre Bourdieu oferecem perspectivas importantes sobre o papel do esporte na sociedade contemporânea. Norbert Elias (1992) menciona que o esporte pode ser considerado um fenômeno social e pode refletir a realidade. Pierre Bourdieu (2007), por sua vez, analisa o esporte através da ótica dos capitais (econômico, social, cultural e simbólico) e do *habitus*, compreendendo-o como um campo de disputas simbólicas e sociais em um espaço de reprodução e transformação das relações de poder. Ambos autores oferecem lentes valiosas para analisar as dinâmicas presentes em práticas esportivas diversas.

A própria definição de "esporte" é um tema amplamente debatido, variando conforme paradigmas e autores, o que demonstra a complexidade do fenômeno. Em uma perspectiva sociocultural, Marchi Júnior (2004, p. 24) comprehende o esporte como uma prática corporal socialmente construída e contextualizada, marcada por processos crescentes de mercantilização, profissionalização e espetacularização.

Com base nessas conceituações gerais, este artigo foca em um esporte específico: o Basquete. Inventado em 1891 por James Naismith nos Estados Unidos, ele rapidamente se espalhou pelo mundo, tornando-o extremamente popular. Inicialmente concebido como uma atividade recreativa de inverno, o basquete evoluiu para um esporte profissional e fenômeno cultural global, impulsionado em grande parte pela National Basketball Association (NBA), fundada em 1946, que influenciou a cultura esportiva mundialmente.

Essa própria trajetória do basquete ilustra um ponto destacado por sociólogos como Elias e Dunning (1992). Eles observam que a maioria dos esportes, assim como bons vinhos, necessita de tempo para amadurecer, encontrando uma forma ótima que equilibra a tensão do jogo, tornando-o satisfatório para os participantes. Embora raro, os autores citam o basquete, como um exemplo de jogo-desporto que atingiu essa maturidade e equilíbrio de forma relativamente rápida (Elias &

Dunning, 1992, p. 232). Essa perspectiva sobre o desenvolvimento dos esportes e o equilíbrio de tensão nos jogos será relevante para a análise que se segue.

A legislação brasileira reconhece o esporte como um direito do cidadão e dever de fomento do Estado (Brasil, 1988), prevendo diferentes manifestações, como o esporte-educação, o de rendimento e o de participação/lazer (Brasil, 1998). A recente Lei Geral do Esporte (Brasil, 2023) reforça essa visão ao abordar o "Esporte para Toda a Vida", incluindo o "esporte de lazer" como um meio para o desenvolvimento humano e bem-estar (Art. 7º, Inciso II). Esse reconhecimento legal da dimensão participativa e de lazer do esporte fornece um pano de fundo relevante para investigar práticas como a analisada neste estudo, que ocorrem fora do âmbito do alto rendimento ou da educação formal.

Em âmbito municipal, Curitiba conta com a Secretaria Municipal do Esporte, Lazer e Juventude (SMELJ), responsável por políticas e equipamentos públicos voltados a estas práticas na cidade. De fato, a prática esportiva em praças e outros espaços públicos abertos é um fenômeno social significativo. Em cidades como Curitiba, esses locais podem funcionar como espaços de encontro que promovem o bem-estar, novas relações sociais e o sentimento de pertencimento comunitário através do lazer (Rechia, 2003, 2007). Um exemplo desses espaços em Curitiba é a Praça Presidente Arthur da Silva Bernardes (oficialmente Eixo de Animação Arthur Bernardes), foco deste estudo. Inaugurada em 1981 (IPPUC, 2021), a praça ocupa um extenso canteiro central de avenida. Apesar de sua relevância como espaço de lazer, nota-se uma lacuna na literatura acadêmica, especialmente na sociologia do esporte, sobre as práticas e apropriações sociais deste local específico, justificando a presente investigação. Lopes (2021, pp. 30-31) relata algumas características da praça:

Outro exemplo é o canteiro central da Avenida Presidente Arthur da Silva Bernardes em Curitiba no Paraná. Esse canteiro foi projetado pelo urbanista francês Alfred Agache, consultor técnico da empresa Coimbra Bueno & Cia Ltda., do Rio de Janeiro, contratada pela prefeitura de Curitiba em 1941 para a elaboração de um plano urbanístico que ficou conhecido como “Plano das Avenidas”. A construção da avenida em questão só aconteceu a partir de 1980 na gestão do prefeito Jaime Lerner, que implementou esse canteiro ativo denominado Eixo de Animação Arthur Bernardes. Esse espaço possui aproximadamente 1,8 km de extensão e serve como espaço de lazer, com quadras para a prática de vôlei, basquete, futebol e tênis, espaços de estar, áreas para crianças, pista de caminhada, academia ao ar livre além disso, possui uma integração com os meios de transporte públicos.

A cidade de Curitiba possui uma comunidade de basquete ativa, que se manifesta tanto em iniciativas formais da SMELJ quanto em práticas auto-organizadas em espaços públicos (Colman, 2023). Reportagens locais destacam como o esporte, incluindo o basquete, transcende a dimensão

física, englobando aspectos sociais e educacionais, com grupos revitalizando espaços e fortalecendo laços comunitários, como ocorrido em outras praças da cidade (Colman, 2023). Esse contexto de valorização da prática comunitária do basquete reforça a pertinência de se analisar o grupo de praticantes de basquete da Praça Arthur Bernardes.

Considerando a complexidade do esporte como fenômeno sociocultural, conforme discutido, o modelo analítico dos 5Es proposto por Marchi Júnior (2015) oferece uma estrutura teórica pertinente para investigar as múltiplas facetas da prática do basquete de lazer na Praça Arthur Bernardes. Conforme descrito por Marchi Júnior (2015), este modelo busca entender as interconexões entre o esporte e a sociedade a partir de cinco dimensões analíticas interligadas:

- Emoção: Segundo o autor, esta dimensão refere-se às experiências e sentimentos (como excitação, satisfação, busca por desafios controlados ou fuga da rotina) que o esporte proporciona aos sujeitos, operando frequentemente em uma lógica de "descontrole controlado", como pode ocorrer em esportes de aventura (p. ex., escalada ou rafting).
- Estética: O modelo aborda aqui a relação do esporte com percepções sobre saúde e bem-estar físico, mas também critica a associação direta e, por vezes, patológica, com padrões corporais socialmente impostos e a busca por ideais de beleza.
- Ética: Marchi Júnior (2015) explora nesta dimensão os valores, regras e condutas no esporte, incluindo o debate sobre o fair play (muitas vezes visto como superficial) e os dilemas éticos que emergem nas práticas esportivas em contraste com as normas sociais.
- Espetáculo: Esta dimensão, no modelo, analisa a transformação do esporte em produto consumível, sua capacidade de mobilizar a economia e o mercado, e os processos de midiatização, profissionalização e mercantilização, que geram um "*habitus* social de consumo". O aspecto econômico é entendido como parte integrante desta dimensão.
- Educacional: Finalmente, a dimensão Educacional é proposta como o eixo integrador, conectando as demais dimensões com uma intencionalidade formativa, visando promover a reflexividade e a criticidade sobre o fenômeno esportivo em sua totalidade.

O Modelo Analítico dos 5Es, na concepção de Marchi Júnior (2015), permite, portanto, analisar o fenômeno esportivo para além da atividade física, compreendendo-o como um processo social e cultural multifacetado.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo é analisar como as dimensões propostas pelo modelo dos 5Es (Emoção, Estética, Ética, Espetáculo e Educacional) se manifestam na prática do basquete de lazer por um grupo de jogadores na Praça Arthur Bernardes, em Curitiba, aos domingos. Busca-se, especificamente, compreender as dinâmicas socioculturais que emergem nesse

contexto. A justificativa para esta pesquisa reside em: (I) suprir uma lacuna na literatura sobre as práticas de lazer e apropriações sociais em contextos de espaço público aberto, considerando características regionais; (II) aplicar e avaliar a pertinência do modelo analítico dos 5Es em um estudo empírico sobre o esporte de lazer/participação em pequenas comunidades de praticantes de basquete; e (III) contribuir para a compreensão das experiências e significados atribuídos por cidadãos à prática esportiva auto-organizada em espaços públicos, valorizando uma dimensão do fenômeno esportivo frequentemente menos investigada quando comparada a estudos biodinâmicos e de alto rendimento.

Métodos

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa de natureza descritiva, buscando compreender as dinâmicas socioculturais da prática de basquete em um espaço público específico.

O local escolhido para a pesquisa foi a Praça Presidente Arthur da Silva Bernardes (Eixo de Animação Arthur Bernardes), em Curitiba-PR. A escolha deveu-se à facilidade de acesso para o pesquisador, ao fato de ser um ponto de encontro conhecido por praticantes de basquete da região, e à sua infraestrutura com quadra para a modalidade, cujo piso havia passado por reforma recente, configurando um cenário relevante para a investigação.

Participaram do estudo sete jogadores de basquete. Os critérios formais de inclusão foram: ser adulto (maior de 18 anos, para fins de consentimento informado), praticar basquete regularmente na Praça Arthur Bernardes aos domingos pela manhã, e ter pelo menos 1 ano de prática regular naquele local. O grupo efetivamente entrevistado, selecionado via amostragem por "bola de neve" (detalhada adiante) a partir de praticantes assíduos, caracterizou-se por uma faixa etária entre 32 e 48 anos. Foram entrevistados apenas jogadores do sexo masculino. Esta composição reflete o perfil do grupo praticante regular neste local e horário específicos, conforme conhecimento prévio do contexto pelo pesquisador e confirmado pelo processo de amostragem por 'bola de neve', que, partindo de um participante inicial inserido no grupo, não identificou ou indicou mulheres praticantes regulares naquele contexto específico.

A pesquisa seguiu as normas éticas para pesquisa com seres humanos e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR), sob o parecer nº 6.232.410.

O instrumento para coleta de dados foi um roteiro de entrevista semiestruturada (Anexo I), adaptado de Pastre (2006), contendo perguntas abertas sobre a trajetória dos participantes no

basquete, suas motivações, percepções sobre a prática na praça, e relações sociais estabelecidas. A escolha deste roteiro baseou-se na convergência de seu referencial teórico com os interesses desta pesquisa, notadamente a influência de Norbert Elias e Eric Dunning. As entrevistas foram realizadas individualmente, em local e horário definidos conforme a conveniência dos participantes, gravadas em áudio mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e posteriormente transcritas na íntegra. Durante a transcrição, foram corrigidos erros coloquiais e suprimidas palavras de baixo calão.

A seleção dos participantes ocorreu por meio da técnica de amostragem não probabilística "bola de neve" (*snowball sampling*) (Goodman, 1961; Atkinson & Flint, 2001; Biernacki & Waldorf, 1981), adequada para acessar populações específicas ou de difícil alcance. Iniciou-se com um participante inicial ("semente"), frequentador assíduo da praça aos domingos, que indicou outros praticantes regulares e assim sucessivamente, as entrevistas foram encerradas por saturação dos resultados. Utilizaram-se como critérios principais para as indicações a assiduidade e a presença regular nos jogos de domingo pela manhã. O processo seguiu com indicações sucessivas até se alcançar o número de sete entrevistas concluídas. As sete entrevistas tiveram duração variável, com a mais curta registrando aproximadamente 45 minutos e a mais longa 1 hora e 25 minutos (duração média de 68 minutos). As transcrições integrais geraram um volume textual significativo, com média aproximada de 10.650 palavras por entrevista (variando entre um mínimo de ~7.800 e um máximo de ~13.000 palavras).

Análise dos Dados

Os dados qualitativos provenientes das transcrições das entrevistas semiestruturadas foram submetidos à Análise de Conteúdo Temática (Bardin, 2009). Adotou-se como referencial analítico o Modelo dos 5Es (Marchi Júnior, 2015), utilizando-se as dimensões Emoção, Estética, Ética e Espetáculo como categorias temáticas centrais para a organização e interpretação inicial dos dados.

O processo analítico envolveu a leitura e releitura das transcrições completas de cada entrevista, buscando identificar e selecionar trechos e narrativas significativas que ilustrassem cada uma das quatro dimensões no contexto da prática do basquete na Praça Arthur Bernardes. Embora as entrevistas tenham ocorrido de forma aberta e fluida, permitindo que os temas emergissem naturalmente na conversa, certas perguntas do roteiro semiestruturado (Anexo I) serviram como principais pontos de partida ou foram particularmente relevantes para suscitar discussões relacionadas a cada dimensão:

- Emoção: Aspectos relativos a esta dimensão foram especialmente explorados a partir da

pergunta 14 (sobre emoções antes, durante e depois do jogo), mas também em outras partes da conversa sobre motivações e experiências.

- Estética: Percepções sobre esta dimensão emergiram principalmente da discussão em torno da pergunta 16 (qualidade e estrutura da quadra), complementadas por observações gerais sobre o ambiente. Note-se que, para a dimensão Estética, a análise focou-se nas percepções dos participantes sobre as condições e a aparência do espaço físico da prática (quadra, equipamentos), aspecto que emergiu com proeminência nos dados coletados a partir da pergunta 16.
- Ética: Discussões sobre regras, justiça e condutas (*fair play*, conflitos), centrais para esta dimensão, foram frequentemente iniciadas pela pergunta 12 (regras da praça, comportamento na espera).
- Espetáculo: Elementos desta dimensão (torcer para times, consumo de produtos, inspiração em ídolos) foram investigados a partir da pergunta 8 (times profissionais) e de perguntas subsequentes que surgiram na conversa sobre acompanhamento de campeonatos, vestuário e referências no esporte.

Os trechos mais representativos selecionados para cada dimensão foram então organizados e utilizados como base para a apresentação e discussão dos resultados. A quinta dimensão do modelo, Educacional, não foi utilizada como categoria inicial de análise, mas sim como lente interpretativa na discussão final, buscando integrar os achados e aprofundar a compreensão do fenômeno sociocultural estudado.

Resultados e Discussões

Nesta seção, apresentam-se os principais resultados obtidos a partir das entrevistas semiestruturadas com os praticantes de basquete na Praça Arthur Bernardes. A análise é realizada à luz do Modelo dos 5Es (Marchi Júnior, 2015) e de outros referenciais teóricos pertinentes, como a sociologia configuracional de Norbert Elias. Conforme descrito na Metodologia, o Modelo dos 5Es comprehende as dimensões Emoção, Estética, Ética, Espetáculo e Educacional.

Os achados foram expostos sequencialmente para cada uma dessas quatro dimensões iniciais (Emoção, Estética, Ética e Espetáculo), utilizando subtítulos para melhor organização. Para clareza na distinção entre as vozes, as falas curtas dos participantes integradas ao texto foram apresentadas entre aspas, seguidas de sua identificação (B1-B7). Trechos mais longos e representativos das falas foram apresentados em bloco recuado.

Após a apresentação das evidências empíricas (falas), desenvolveu-se a discussão que busca

interpretar esses dados e conectá-los com o quadro teórico adotado. A quinta dimensão, Educacional, conforme proposta por Marchi Júnior (2015) como eixo que interconecta as demais numa perspectiva formativa e crítica, foi abordada ao final desta seção, buscando uma reflexão integradora sobre o fenômeno sociocultural estudado.

Emoção: O Ritual Dominical entre a Tensão e o Alívio

A dimensão Emoção, conforme proposta por Marchi Júnior (2015), explora o conjunto de experiências afetivas que o esporte proporciona, funcionando muitas vezes como uma "contraposição à rotina" e um espaço para a busca de "excitação" e "satisfação" (Marchi Júnior, 2015, p. 60). Nos relatos dos jogadores da Praça Arthur Bernardes, a prática dominical do basquete revelou-se profundamente carregada de significados e experiências emocionais, que permeiam os momentos que antecedem, ocorrem durante e sucedem o jogo.

Um tema proeminente foi a percepção da prática como um ritual significativo e uma forma de escape das pressões da vida cotidiana. A antecipação desse momento era marcada por sentimentos diversos, desde a "ansiedade pra ir pra praça" (B1), por vezes intensificada pela própria limitação do tempo disponível para o lazer em meio aos compromissos adultos (B5), até preocupações com a condição física para o jogo (B3). A importância atribuída a essa prática foi descrita por B1 em termos quase religiosos:

O basquete de domingo pra mim já virou quase uma religião, é meio sagrado. Só se tiver um evento familiar, algum parente que venha visitar ou se realmente chover, que eu não vou. Porque eu sinto falta, parece que a semana não é a mesma coisa sem ter o basquete no domingo pra iniciar bem a semana. O esporte é uma válvula de escape para desestressar e fazer exercício, porque o basquete é o meu exercício, é uma terapia. (B1)

Esse sentido de “quase religião” pode ser interpretado a partir da tese de Amstel, que não cria um sexto E, mas evidencia que experiências de fé, transcendência e ritualidade atravessam o esporte e podem ser tratadas como uma subdimensão espiritual integrada aos 5Es, ancorada na Ética e na Emoção. Em perspectiva histórica, essa leitura converge com Guttmann, que discute a secularização do esporte e, no Olimpismo, a noção de “religião secular”. (Amstel, 2024; Guttmann, 2002, 2004). A percepção do basquete como “válvula de escape” e “terapia” (B1) foi corroborada por outros, como B2, que afirmou: “Eu chego lá, esqueço dos problemas, esqueço da vida [...] é quase uma terapia lá” (B2). Tal função terapêutica encontra forte respaldo na teoria de Elias e Dunning, que veem o esporte e o lazer como contramedidas às tensões da sociedade moderna (1992, p. 70). Segundo os autores, o esporte é projetado para “estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada”, permitindo “libertar, tensões

provenientes do stress" num processo [...] "libertador, catártico" (Elias & Dunning, 1992, p. 79).

As emoções vivenciadas durante o jogo refletem a busca por essa "excitação agradável" (Elias & Dunning, 1992, p. 71) através do confronto mimético. A intensidade da experiência ("emoção para mim na quadra é máxima" - B7) era alimentada pela competitividade (B4, B5, B7) e pela "adrenalina" (B5). Essa tensão competitiva, no entanto, coexiste com um esforço de autocontrole. Participantes relataram esforços para não levar problemas externos para a quadra (B1) e até uma maturação na forma de lidar com adversidades, como B6 que passou a "dar risada" ao invés de se sentir ofendido ao levar um toco. Essa dinâmica reflete o "descontrole controlado" (Marchi Júnior, 2015, p. 60) e o gerenciamento das tensões inerente ao processo civilizador no esporte (Elias & Dunning, 1992). O próprio espaço da praça emergiu como um facilitador dessa experiência emocional segura, como destacou B7 ao contrastar o medo sentido em campeonatos com a autenticidade vivida ali:

Mas aqui, se me dão a bola, eu vou para a cesta. [...] Eu me sinto totalmente eu, cara, o único lugar que me sinto bem com uma bola na mão. (B7)

Este ambiente permite que "os sentimentos [...] fluam mais livremente" (Elias & Dunning, 1992, p. 70), transformando a competição numa forma segura de autoexpressão e busca por satisfação, diferentemente de contextos percebidos como mais ameaçadores ou restritivos, onde o medo pode surgir (B7; Elias & Dunning, 1992, p. 81).

Após as partidas, a satisfação e o componente social das emoções foram sentimentos centrais. Apesar do cansaço físico, por vezes intenso – B5 descreveu como "exausto, mas é gostoso" –, a avaliação geral era de uma "sensação boa" (B4) ou "satisfação" (B1, B3). Notavelmente, essa satisfação estava fortemente ligada ao ambiente relacional: a "alegria de ver os amigos" (B1) e o "clima muito bom [...] sem aquelas discussões" (B3) eram cruciais. Para B6, a interação social era o motivo principal, indo jogar "primeiro pela resenha, ver os brothers" (B6), com os laços de amizade se estendendo para fora da quadra. O prazer podia atingir um pico em momentos de performance individual bem-sucedida e validada pelo grupo, como descrito por B6:

É um sentimento de prazer. [...] somente quando você faz algum *move* e você acerta a cesta aí (risos) Galera olha e grita. Aí é massa, cara, essa é a sensação. (B6)

Essa valorização do reconhecimento social e a alegria do encontro coletivo podem ser entendidas no quadro da importância da "sociabilidade" (Elias & Dunning, 1992, p. 109) e da rara oportunidade para "manifestações colectivas de sentimentos intensos" nas sociedades modernas (Elias & Dunning, 1992, p. 72). A satisfação com a performance validada pode ser vista como parte

da "confirmação do seu próprio valor sem má consciência" proporcionada pela catarse esportiva (Elias & Dunning, 1992, p. 82). A profundidade do vínculo emocional com a prática também se manifestava na frustração relatada quando o jogo era impedido (B1, B3), reforçando seu papel no equilíbrio e bem-estar dos participantes (Elias & Dunning, 1992, p. 161).

Em síntese, a dimensão Emoção, para este grupo, articula a busca ritualística por escape e excitação controlada, a gestão das tensões competitivas num ambiente percebido como seguro, e a profunda satisfação derivada tanto da performance quanto, e talvez principalmente, dos laços sociais fortalecidos a cada domingo.

Estética: Aparência e as Condições do Espaço da Prática

A segunda dimensão do modelo 5Es é a Estética. Em sua formulação original, Marchi Júnior (2015, p. 61) associa esta dimensão principalmente à relação entre esporte, saúde e os padrões corporais de beleza socialmente impostos, incluindo a crítica a essa associação e à busca por vezes patológica por ideais estéticos. Contudo, na análise das experiências dos praticantes de basquete na Praça Arthur Bernardes, esta dimensão manifestou-se com uma ênfase particular. Os relatos dos participantes, como será detalhado a seguir, concentraram-se predominantemente na percepção sobre a aparência, as condições materiais e a manutenção do espaço físico onde o jogo acontece – a quadra e seus equipamentos. Essa ênfase empírica, distinta do foco principal na estética corporal da formulação original do modelo, reflete as preocupações concretas deste grupo em relação ao seu local de prática esportiva.

É relevante notar que o foco desta investigação se direcionou à experiência da prática e às dinâmicas sociais no espaço público, não incluindo questões específicas sobre percepção da imagem corporal, tema que tampouco emergiu espontaneamente nas falas dos participantes, integralmente adultos (32-48 anos). Portanto, a análise aqui apresentada se afastará da ênfase original do modelo para focar na relação dos praticantes com a estética da estrutura física do seu local de prática. Compreende-se que esta abordagem, realizada com as devidas ressalvas, dialoga com a própria natureza polissêmica e multifacetada do fenômeno esportivo (Marchi Júnior, 2015), convidando a uma reflexão sobre a pertinência de se considerar a estética das estruturas ao analisar o esporte de natureza lúdica praticado em espaços públicos abertos. ‘E’ de estética da estrutura e espaço.

A história da quadra, na memória dos jogadores mais antigos, é marcada por um ciclo de degradação e melhoria, onde a estética se confunde com a funcionalidade e a segurança. O piso anterior à reforma pré-pandemia foi descrito como "ASFALTÃO E BEM DEPENADO" (B1) ou "CIMENTÃO

"horrible" (B2), condição que gerava riscos – "Se você caísse, se machucava, ralava tudo" (B1) – e danificava equipamentos (B2). Essa deterioração foi atribuída à falta de manutenção pública (B3), mas mesmo assim, o grupo persistia: "Mas a gente jogava basquete de qualquer jeito, né?" (B6). A reforma do piso e a pintura realizadas pela prefeitura foram reconhecidas como uma melhoria substancial (B1, B2, B3). As figuras na sequência demonstram esse contraste:



Figura 1. Quadra de basquete da Praça Arthur Bernardes antes da reforma do piso.
Fonte: Site do Jornal Tribuna do Paraná (Back, 2015).



Figura 2. Quadra de basquete da Praça Arthur Bernardes após a reforma.
Fonte: Site da Prefeitura de Curitiba/SMCS (Castellano, 2022).

Contudo, a manutenção da qualidade estética e funcional do espaço revelou-se uma questão complexa, envolvendo uma tensão entre a responsabilidade pública e a ação dos usuários. Emergiu

uma forte percepção de negligência por parte da administração municipal, como expressou B2:

A questão da quadra, da parte da prefeitura, é praticamente abandonada. É muito difícil fazerem alguma coisa. [...] Um amigo nosso já cansou [...] vivia fazendo solicitação para a prefeitura limpar a quadra, melhorar os aros, as tabelas, mas nunca teve um retorno. (B2)

Essa percepção de abandono parece impulsionar a apropriação e a ação coletiva dos jogadores regulares para suprir as lacunas da gestão pública. Diversos participantes relataram a organização de "vaquinhas" ou "arrecadações" para melhorias essenciais, vistas como de melhor qualidade que as fornecidas publicamente, como detalhou B1:

Os aros também trocamos, porque os da prefeitura geralmente deixam a desejar, são de qualidade bem inferior. Colocamos aro retrátil, tudo com movimentação da galera, juntando a vaquinha. O pessoal que joga foi atrás para colocar, se ajudaram, pintaram as linhas da quadra. (B1)

Essa dinâmica, porém, é complexificada pela questão do mau uso do espaço por parte de alguns usuários, como apontado por B5, que via nisso um fator de degradação ("puxam aros [...] joga lixo na praça") e um possível desincentivo ao investimento público. A própria qualidade da intervenção pública recente também foi questionada (B4). Essa tensão entre dever público, ação comunitária e comportamento dos usuários reflete as complexas dinâmicas de uso e apropriação de espaços públicos abertos (EPAs). A preocupação com a estética do ambiente, neste contexto, transcende a mera aparência, ligando-se à viabilidade da prática, ao sentimento de pertencimento (Rechia, 2003) e à efetivação do direito ao lazer em espaços urbanos de qualidade (Santos, 1981; Brasil, 2023). A qualidade (ou falta dela) dos "objetos técnicos" que compõem o espaço – o piso, as tabelas, os aros – molda diretamente a experiência subjetiva do lazer ali vivenciada, como argumenta Santos (2006) ao discutir a natureza do espaço geográfico como um híbrido de materialidade e significação social.

A avaliação da estética atual do espaço pelos participantes é majoritariamente negativa, indicando um novo ciclo de degradação percebida. B7 descreve a quadra como estando "liso de novo, sujo, não tem manutenção. Os aros estão caídos e frouxos, a tabela está morta". Essa má condição física coexiste com um forte vínculo emocional que mantém o grupo frequentando o local ("A gente vai lá por causa do sentimento mesmo." - B7), mas também gera comparações com outras instalações (B6, B7) e questionamentos sobre a distribuição de recursos públicos ("porque não colocaram para nós aqui?" - B7). Essa demanda por qualidade, justificada pelo uso intenso do local ("Aqui serve gente." - B7), reflete as aspirações dos cidadãos por espaços de lazer públicos adequados. A disposição do grupo em agir novamente ("se o poder público não faz, a gente faz." -

B6) demonstra a contínua agência dos usuários na configuração do seu ambiente de lazer.

Desde 2024, a praça analisada passou a integrar o projeto do Novo Inter 2, requalificação da linha circular de ônibus de Curitiba com estações-tubo e intervenções ao longo de todo o trajeto, que percorre mais de 40 km e 28 bairros (Prefeitura de Curitiba, 2024). O debate sobre corte de árvores no trecho da Avenida Arthur Bernardes ganhou visibilidade em agosto de 2024, em audiência pública na Câmara Municipal (Câmara Municipal de Curitiba, 2024). Em 2025, após críticas de moradores e frequentadores, a Prefeitura apresentou um traçado revisto, com parque linear e soluções de drenagem, destacando a redução do impacto sobre a arborização e a preservação de áreas verdes (Prefeitura de Curitiba, 2025). Ainda assim, coletivos locais, como Movimento SOS Arthur Bernardes, mantiveram questionamentos sobre o desenho e o posicionamento de uma estação na área de convívio (Tribuna do Paraná, 2025).

Portanto, a dimensão Estética, neste estudo sobre o basquete praticado em um espaço público aberto, manifestou-se predominantemente como uma preocupação central com as condições materiais, a manutenção e a qualidade visual do ambiente físico da prática. Essa ênfase observada no contexto deste estudo, distinta do foco original do modelo na estética corporal, dialoga com a própria ideia de polissemia e múltiplas facetas do fenômeno esportivo ressaltada por Marchi Júnior (2015). Assim, sugere-se que a análise da dimensão Estética, em contextos de práticas auto-organizadas em EPAs, pode pertinentemente incorporar a avaliação da relação dos praticantes com a materialidade e a manutenção do seu ambiente físico, como elemento crucial da experiência esportiva e social.

Ética: Regras, Condutas e Controvérsias no Jogo da Praça

A dimensão Ética, no modelo dos 5Es, abrange o complexo universo de valores, princípios, regras (formais e informais) e condutas que permeiam a prática esportiva, incluindo o *fair play*, mas também seus dilemas e potenciais contradições (Marchi Júnior, 2015, pp. 61-62). Na Praça Arthur Bernardes, a análise revelou um cenário rico onde regras são adaptadas, condutas são negociadas e um clima ético específico é mantido, refletindo as dinâmicas da configuração social ali estabelecida. Um primeiro aspecto relevante foi a flexibilidade e a negociação das regras do jogo. Embora baseadas no basquete formal, as regras na praça apresentavam particularidades e adaptações. A regra sobre quem tem a vez de jogar ("próximo") foi consistentemente apontada como uma norma local ("cultura" - B1) diferente de outras quadras e percebida como "injusta" ou "polêmica" por vários participantes mais antigos (B1, B2, B3, B5), que sentiam a frustração de "ficar, fica, fica" esperando (B3). B1 e B2 relataram tentativas (muitas vezes infrutíferas ou inconsistentes) de aplicar

ou restaurar a regra mais tradicional de esperar a vez na fila, evidenciando uma tensão normativa possivelmente ligada à chegada de novos jogadores (B2).

Por outro lado, a regra local de manter a posse de bola após a cesta, embora também diferente de outras quadras, gerou menos consenso crítico, sendo vista por alguns como um "costume muito antigo" ao qual se habituaram (B3) e por outros como positiva por tornar o jogo "mais competitivo" ou "mais fácil de recuperar" (B4, B5), embora B6 tenha apresentado forte argumento contrário sobre a justiça competitiva. Essas variações e negociações ilustram a polaridade entre flexibilidade e rigidez das regras (Elias & Dunning, 1992, p. 303) em contextos de lazer auto-organizados. Um exemplo notável de adaptação consciente foi a mudança pós-pandemia da regra de limpeza da bola após o rebote, como explicou B2:

[...] alguns começaram a reclamar porque ficava, de certo modo, muito fácil, se você pegava um time adversário muito alto. Não tinha como armar a defesa. Então, o pessoal acabou optando por sair das linhas dos três. Aos poucos, foi mudando e se tornou normal. (B2)

Tal mudança de regra ainda pode ser associada à popularização crescente da modalidade olímpica de basquete 3x3, a qual exige sair da linha de 3 pontos quando ocorre troca de posse da equipe ofensiva. Essa adaptação demonstra a capacidade do grupo de modificar regras formais para manter o "equilíbrio de tensão" (Elias & Dunning, 1992, pp. 235-236) e a percepção de justiça competitiva dentro de sua configuração específica.

Quanto à conduta geral e gestão de conflitos, emergiu uma forte percepção de um clima ético positivo entre o grupo regular de domingo. Vários participantes contrastaram a Arthur Bernardes com outros locais percebidos como mais agressivos ou conflituosos. B2 mencionou ter parado de ir a outro local devido ao pessoal "mais 'Casca grossa lá', o pessoal do tempo da cotovelada", enquanto B4 descreveu a 29 de Março como um lugar de "gritaria, e às vezes saía briga", "bem mais nervoso". Em contraste, na Arthur Bernardes, segundo B4, "quando alguém pede falta, o outro time respeita e dá a falta. Às vezes até tem uma contestação, mas logo já acaba". Essa capacidade de gerenciar a competitividade inerente ao jogo ("Todo mundo quer ganhar" - B1) com um alto grau de autocontrole e respeito mútuo ("pouca briga" - B1; "pessoal é bem tranquilo" - B2; "se respeitam" - B7) reflete um padrão de conduta "civilizado" (Elias & Dunning, 1992), que parece ser um fator chave para a atratividade e coesão do grupo.

Esse bom clima geral, no entanto, não significa ausência de tensões normativas, especialmente em relação à marcação de faltas. B6 articulou uma forte crítica ao que percebeu como uma tendência a pedir "faltas leves" ("encostou falta"), contrastando com sua experiência de "basquete pegado", onde o contato físico era mais tolerado. Ele atribuiu essa diferença a uma

possível influência da NBA ou a jogadores mais novos/externos: "só quando é uma galera que não joga sempre com a gente. Aí os caras pedem muita falta" (B6). B7 também reconheceu a existência de jogadores "chatos" que pedem "faltinha", mas expressou uma visão mais otimista sobre a situação atual ("está redondo") e destacou a importância do autopolicimento ("Às vezes eu faço falta [...] eu já te dou a falta, já assumo"). Essa divergência sobre o limiar aceitável de contato e a forma de gerir as faltas num jogo sem árbitro formal ilustra a constante negociação entre "o prazer da agressão manifestada pelos jogadores e a limitação imposta pelo padrão de jogo" (Elias & Dunning, 1992, p. 303) e a busca por um equilíbrio entre seguir as regras e explorá-las (Elias & Dunning, 1992, p. 234). O *fair play* e a conduta ética foram também fortemente evidenciados, indo além da simples ausência de conflitos graves. B7 forneceu um exemplo marcante:

Sim, a galera, se você cai no chão com a bola, eles são capazes de parar e até entregar na mão de volta. Não é aquela competição suja [...]. Eu sempre falei, eu vou ganhar ganhando e vou perder perdendo, e não por causa de acidentes assim. (B7)

Essa atitude demonstra um alto nível de consideração pelo adversário e um *ethos* de jogo limpo internalizado pelo grupo regular, distinguindo o jogo "astuto" do jogo "sujo" (B7).

Finalmente, a dimensão ética também se manifestou nas dinâmicas de inclusão e exclusão. Foi relatado um mecanismo informal de segregação baseada na habilidade, onde jogadores menos experientes eram direcionados para outra lado da quadra para "manter o nível mais alto" (B1), embora houvesse disposição para ensinar iniciantes (B1). Novos jogadores 'habilidosos', por outro lado, poderiam ser integrados ao grupo principal (B1). Essa prática, embora vise manter a qualidade e o equilíbrio de tensão do jogo preferido pelo grupo estabelecido, levanta questões éticas sobre o acesso ao espaço principal. Essa dinâmica de definir "internos" (pela frequência e habilidade) e "externos", e modular as interações com base nisso (mais competitividade contra externos - B1; menos tolerância a faltas - B6), pode ser analisada à luz das teorias de Elias e Scotson expostas na obra "Os Estabelecidos e Outsiders", mostrando como o grupo regula padrões de conduta e limiares de tolerância para manter seu *status* e coesão.. (Elias & Scotson, 2000).

Em suma, a dimensão Ética na Praça Arthur Bernardes revela uma teia de regras formais adaptadas, normas locais contestadas, um forte *ethos* de autocontrole e *fair play* entre os jogadores regulares, mas também tensões normativas (especialmente sobre faltas) e mecanismos de exclusão que regulam a participação e mantêm a configuração social e lúdica desejada pelo grupo.

Espetáculo: Mídia, Consumo, Ídolos e Influências na Prática

A quarta dimensão do modelo 5Es, o Espetáculo, analisa como o esporte se transforma em

produto, sua relação com a mídia, o mercado e o consumo, a emergência de ídolos e a influência desses fatores na constituição de um "*habitus social de consumo*" e na própria prática esportiva (Marchi Júnior, 2015, pp. 62-63). Entre os praticantes da Praça Arthur Bernardes, a relação com o basquete-espetáculo revelou-se complexa e multifacetada.

O engajamento com o espetáculo midiático variou. A principal liga profissional norte-americana (NBA) surgiu como referência central, embora assistida de forma muitas vezes seletiva (*playoffs* - B1, B4) ou com alta dedicação (assinatura de *NBA League Pass* - B5; assistir jogos tarde da noite - B7). Em contraste, a liga nacional brasileira (NBB) foi mencionada com desinteresse (B1, B2, B7). Uma influência marcante, especialmente para a geração que começou a jogar nos anos 2000, foi o fenômeno midiático do *streetball* (basquete de rua) popularizado pela marca AND1 através de vídeos ('*mixtapes*'), lembrado com entusiasmo (B1, B2, B5) e sendo fonte contínua de inspiração para alguns (B6). Essa relação com o basquete profissional e midiático configura diferentes formas de engajamento que podem ser compreendidas através do conceito de *fandom*. Frequentemente associado na cultura popular a estereótipos de fanatismo ou passividade – estereótipos esses extensamente analisados e criticados por autores como Henry Jenkins (1992), entendemos o fandom, como um conjunto ativo de práticas de produção de sentido, apropriação e sociabilidade (Gray, Sandvoss & Harrington, 2017). Os padrões de identificação observados neste estudo foram diversos: desde uma lealdade histórica a times da juventude (Bulls da era Jordan - B3, B4), passando por um acompanhamento mais fluido baseado em estrelas ou times do momento (B1), um foco principal em jogadores específicos e na "essência do time" (B7), até uma apreciação baseada no estilo de jogo admirado (B6).

As práticas de consumo ligadas ao espetáculo também se mostraram heterogêneas, refletindo diferentes lógicas e prioridades. O consumo de vestuário (regatas) variava do colecionismo extenso (B3, B6) à posse de poucas peças, majoritariamente ganhas devido ao alto custo percebido (B2, B7), ou mesmo ao desinteresse (B4). O consumo de tênis foi um ponto central para vários, mas com motivações distintas. B4 destacou-se como um ávido colecionador, focado nos modelos Air Jordan:

Cara, acho que por causa do basquete, eu gosto muito de tênis. Até coleciono tênis, tenho vários, e a maioria é do Jordan. [...] Eu tenho quase todos os tênis que o Jordan tinha, até ele se aposentar. [...] É difícil pegar esses tênis, porque quando lança, já somem. [...] Antigamente era mais fácil de comprar, agora está difícil porque aumentou muito o preço [...]. (B4)

Outros, como B6, também colecionavam, mas com foco no estilo retrô e em marcas específicas (Reebok, Adidas), enquanto B7 demonstrava forte lealdade à Nike. Em contraste, B1 e

B2 enfatizavam critérios de custo-benefício, conforto e promoções, limitados também por questões econômicas. Essa diversidade nas práticas de consumo pode ser compreendida não apenas como expressão de gosto pessoal, mas também à luz da análise de Elias (1994, p. 97) sobre a busca por distinção individual nas sociedades modernas. A posse de itens raros (B4, B6) ou a adesão a estilos e marcas específicas (B6, B7) funcionam como marcadores de identidade e diferenciação na subcultura do basquete, atendendo à necessidade de encontrar "aquilo que me distingue". Esse desejo de ser diferente, como ressalta Elias (1994, p. 97), é uma "aprendizagem social", moldada aqui pelos valores e referências do próprio espetáculo esportivo, contribuindo para o "*habitus* social de consumo" (Marchi Júnior, 2015, p. 62).

Finalmente, a dimensão Espetáculo demonstrou ter uma influência direta e reconhecida na própria prática do basquete na praça. A inspiração em ídolos (Jordan, KG, Iverson, Doncic, Curry, etc.) foi recorrente, motivando os jogadores (B1) e influenciando tentativas de imitar jogadas (B1, B4) ou estilos completos. B6 foi explícito sobre tentar replicar o estilo de seus ídolos do *streetball* e da NBA:

Quando era basquete de rua, tento jogar estilo AND1, tipo Hot Sauce, tipo The Professor [...] Quando a gente fala de NBA *crossovers* estilo Allen Iverson [...] E passes que nem Jason Williams. (B6)

Mais amplamente, os participantes perceberam o impacto do espetáculo midiático na evolução coletiva do jogo local, como a transição para um estilo com mais arremessos de três pontos influenciado pela NBA recente (B1, B4). B1 resumiu essa influência: "o estilo de jogo que a gente vê na TV induz a gente a tentar fazer parecido nas quadras, como na Arthur mesmo." Essa dinâmica de imitação e adaptação, no entanto, não é linear, sendo mediada por fatores como a idade (B4 adaptando seu jogo) ou a preferência por um estilo distinto (B7 resistindo à tendência). Essa relação mimética (Elias & Dunning, 1992) entre a prática globalizada e a configuração local demonstra a força da dimensão Espetáculo.

A dimensão Espetáculo permeia a experiência dos praticantes da Praça Arthur Bernardes de forma complexa, moldando seus hábitos como espectadores, suas formas de identificação, suas práticas de consumo (que servem também como marcadores de identidade e distinção social), suas inspirações e, de maneira significativa, a própria forma como o basquete é jogado e vivenciado no contexto do lazer dominical.

Educacional: A Leitura Correlacional do Basquete Comunitário

A análise das dimensões Emoção, Estética, Ética e Espetáculo revela a complexidade da

prática do basquete na Praça Arthur Bernardes, mas é através da lente da dimensão Educacional – entendida aqui não no sentido prescritivo, mas como princípio formativo que interconecta as demais dimensões e fomenta a reflexividade (Marchi Júnior, 2015, pp. 63-64) – que podemos buscar um entendimento mais holístico e crítico do fenômeno. Pensar essas dimensões de forma correlacionada (Marchi Júnior, 2015) permite compreender o "Sentido da Prática" (Bourdieu, 1996, citado por Marchi Júnior, 2015, p. 64) para este grupo específico.

Uma interconexão fundamental se dá entre a Emoção e a Ética. O forte desejo por uma experiência emocional positiva – a satisfação, a alegria do encontro, a função de escape e "terapia" (B1, B2) – parece ser um motor central para a manutenção de um clima ético particular neste grupo, caracterizado pelo autocontrole e pelo respeito mútuo que minimiza conflitos graves (B1, B2, B4, B7) em comparação a outros espaços. Essa ética internalizada sustenta o ambiente propício à fruição emocional desejada. Por outro lado, as tensões éticas remanescentes, como a contestação de regras locais ou a exclusão por nível técnico (B1), também geram suas próprias dinâmicas emocionais (frustração - B3).

A dimensão Estética, focada neste estudo na relação com o espaço físico, também se entrelaça profundamente com as demais. A precariedade da infraestrutura (Estética) gera emoções negativas (risco, frustração), mas impulsiona a agência coletiva e a apropriação do espaço (Ética/Agência), fortalecendo laços sociais (Emoção). A persistência do grupo apesar das más condições "por causa do sentimento mesmo" (B7) ilustra como a Emoção pode sobrepor-se à Estética do lugar. As demandas por melhorias estéticas (Estética), por sua vez, são informadas por comparações com o Espetáculo (B6, B7) e refletem expectativas de cidadania ligadas ao direito a espaços públicos de qualidade (Santos, 1981; Brasil, 2023).

Essa dinâmica de apropriação e agência coletiva dos jogadores, que investem tempo e recursos próprios na manutenção e melhoria do espaço (Estética) e negociam ativamente suas normas de uso (Ética) em resposta às limitações percebidas na gestão pública, pode ser compreendida não apenas como uma estratégia de sobrevivência da prática, mas como uma manifestação concreta de participação cidadã no espaço público. Interessantemente, essa agência dos usuários dialoga diretamente com os princípios fundamentais da recente Lei Geral do Esporte (Brasil, 2023), que preconiza a "democratização", a "participação" e a "gestão democrática" (Art. 2º) como eixos do Sistema Nacional do Esporte (Sinesp). A LGE visa explicitamente integrar os diversos atores (Art. 11), incluindo "praticantes" e "usuários das instalações esportivas" (Art. 23), e fomentar a "gestão compartilhada" e a "cooperação técnica" (Art. 11) entre poder público e comunidade. Nesse sentido, os achados deste estudo, analisados sob a lente Educacional, sugerem o

potencial e a relevância de se explorar modelos de co-gestão para espaços como a Praça Arthur Bernardes. Tais modelos poderiam formalizar e apoiar a energia e o conhecimento local dos usuários, alinhando a prática cotidiana aos novos marcos legais e potencialmente resultando em espaços de lazer mais sustentáveis, responsivos e cuidados coletivamente.

A relação com o Espetáculo, por sua vez, também permeia as outras dimensões de forma complexa. A inspiração em ídolos e estilos midiáticos (Espetáculo) não só influencia a Emoção (motivação, prazer na performance), mas também pode gerar debates éticos sobre condutas em quadra (ex: "faltas leves" vs. "basquete pegado" - B6). Adicionalmente, é crucial reconhecer que, embora a análise da dimensão Estética neste trabalho tenha priorizado o ambiente físico, os próprios elementos do Espetáculo (tênis de assinatura, regatas, "plasticidade" de jogadas) carregam fortes componentes estéticos intrínsecos, ligados à identidade, distinção (Elias, 1994) e adesão a padrões visuais da cultura do basquete.

Refletir sobre essas interconexões sob a lente Educacional permite ir além de uma visão fragmentada. Percebe-se que o basquete dominical na Praça Arthur Bernardes não é apenas "jogo" ou "exercício". É um complexo fenômeno sociocultural onde um grupo de homens adultos negocia identidades, gerencia emoções, constrói e mantém laços sociais, se apropria (e luta pela manutenção) de um espaço público, e dialoga com as regras, éticas e estéticas do esporte globalizado. A prática representa um espaço vital de sociabilidade e escape (Elias & Dunning, 1992) em meio às rotinas da vida adulta, cujo "sentido" reside justamente nessa articulação multifacetada das dimensões analisadas. Compreender essa "Dialética do Esporte de Consumo Social" (Marchi Júnior, 2015, p. 64) – onde o grupo tanto consome referências do espetáculo quanto produz sua própria cultura local – exige essa análise correlacional proposta pelo modelo dos 5Es.

Considerações Finais

Este estudo buscou analisar como as dimensões do Modelo Analítico dos 5Es (Emoção, Estética, Ética, Espetáculo e Educacional), proposto por Marchi Júnior (2015), manifestam-se na prática do basquete de lazer realizada por um grupo de jogadores aos domingos pela manhã na Praça Arthur Bernardes, em Curitiba. Através de entrevistas semiestruturadas e da análise de conteúdo temática, buscou-se compreender as dinâmicas socioculturais que emergem nesse contexto específico.

Os resultados revelaram que a prática transcende a simples atividade física, configurando-se como um fenômeno sociocultural complexo e multifacetado. A dimensão Emoção mostrou-se central, com o basquete dominical funcionando como um ritual significativo, um espaço vital de

escape da rotina e regulação emocional ("terapia", "válvula de escape"), onde a excitação controlada da competição se mescla à satisfação e alegria derivadas, sobretudo, dos fortes laços sociais construídos e mantidos pelo grupo. A dimensão Estética, neste contexto, manifestou-se de forma particular, com a preocupação dos participantes voltada predominantemente para as condições materiais e a manutenção do espaço físico da prática, revelando uma dinâmica tensa entre a percepção de negligência pública e a necessária ação coletiva e apropriação do local pelos usuários, evidenciando uma agência cidadã que dialoga com princípios recentes da gestão participativa do esporte (Brasil, 2023). A Ética do grupo se caracterizou por um alto grau de autocontrole, *fair play* e baixo conflito interno, mas também pela existência de normas locais flexíveis (e por vezes contestadas) e mecanismos informais de gestão da competição e de fronteiras do grupo (inclusão/exclusão). Por fim, a dimensão Espetáculo permeia a experiência através do acompanhamento seletivo da mídia esportiva (NBA, AND1), da inspiração em ídolos (com padrões de *fandom* diversos), de práticas de consumo que funcionam como marcadores identitários e de distinção (Elias, 1994), e da influência direta de estilos de jogo globais na prática local. A análise integrada, sob a lente Educacional, evidenciou as profundas interconexões entre essas dimensões – como o sentimento sustenta a prática apesar da estética precária, como a ética possibilita a emoção positiva, e como o espetáculo influencia normas e expectativas. Compreender essa prática exige, como propõe Marchi Júnior (2015), uma análise correlacional que evitasse reducionismos e captasse a complexidade do fenômeno.

Este estudo contribui para a literatura sobre sociologia do esporte de lazer ao oferecer um olhar aprofundado sobre as dinâmicas de um grupo auto-organizado em um espaço público aberto (EPA), um contexto ainda relativamente pouco explorado em comparação com o esporte de alto rendimento. Adicionalmente, apresenta uma aplicação empírica do Modelo dos 5Es, demonstrando sua utilidade analítica e, ao mesmo tempo, sugerindo a pertinência de uma adaptação contextual da dimensão Estética ao analisar práticas em EPAs, foco que emergiu dos dados e dialoga com a natureza polissêmica do esporte. Dois estudos recentes também mobilizaram o Modelo dos 5Es em contextos distintos, reforçando sua aplicabilidade: Micaliski e Zamboni (2023) e Minuzzi, van Amstel e Marchi Júnior (2023).

Reconhecem-se, contudo, as limitações deste estudo, como o número reduzido de participantes ($N=7$), o foco exclusivo no grupo masculino e em um único local e horário de prática, e a dependência de dados retrospectivos coletados por entrevista. Sugere-se, para futuras pesquisas, a ampliação da investigação para outros horários, outros grupos (incluindo mulheres, cuja presença foi pontualmente mencionada por B7), a comparação entre diferentes EPAs em Curitiba, estudos

observacionais que complementem as entrevistas, e um aprofundamento na discussão sobre a dimensão Estética em práticas de esportes de lazer na cidade.

Conclui-se que analisar o "basquete de praça" através das lentes dos 5Es permite desvelar a riqueza sociocultural de uma prática que, embora aparentemente simples, condensa múltiplos significados, tensões e aprendizados sociais, reforçando a importância de se investigar o esporte em suas diversas manifestações cotidianas.

Referências

- Atkinson, R., & Flint, J. (2001). Accessing hidden and hard-to-reach populations: Snowball research strategies. *Social Research Update*, (33). <http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU33.html> (Ajuste no formato do número da edição)
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Edições 70. (Nota: Local "Lisboa" pode ser adicionado se desejado: Lisboa: Edições 70)
- Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research*, 10(2), 141-163. <https://doi.org/10.1177/004912418101000205>
- Bourdieu, P. (2007). *A Distinção: Crítica social do julgamento* (D. Kern, Trad.). Edusp; Zouk. (Obra original publicada em 1979) (Referência corrigida para edição brasileira)
- Bourdieu, P. (1996). *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Papirus. (Nota: Local "Campinas" pode ser adicionado se desejado: Campinas: Papirus)
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Senado Federal. (Nota: Local "Brasília, DF" pode ser adicionado se desejado)
- Brasil. (1998). Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615.htm
- Brasil. (2023). Lei n. 14.597, de 14 de junho de 2023. Institui a Lei Geral do Esporte. *Diário Oficial da União*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14597.htm
- Câmara Municipal de Curitiba. (2024, 14 agosto). *Audiência pública: mais de 300 árvores serão cortadas na Arthur Bernardes*. <https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/noticias/audiencia-publica-mais-de-300-arvores-serao-cortadas-na-arthur-bernardes>
- Coakley, J. (2007). *Sports in Society: Issues and Controversies* (9^a ed.). McGraw-Hill.
- Colman, Q. C. (2023, 6 de maio). Prática de basquete em Curitiba: conheça iniciativas de educação e times. *Gazeta do Povo*. <https://www.gazetadopovo.com.br/gpbc/curitiba-de-todas-as-tribos/basqueteiros-de-curitiba-usam-a-pratica-para-educar-e-sociabilizar/>

- Elias, N. (1994). *A Sociedade dos Indivíduos*. Jorge Zahar Ed.
- Elias, N. (2011). *O processo civilizador: Vol. 1. Uma história dos costumes*. Jorge Zahar Ed. (*Referência corrigida para edição brasileira*)
- Elias, N., & Dunning, E. (1992). *Em busca da excitação: esporte e lazer no processo civilizador*. Difel.
- Goodman, L. A. (1961). Snowball sampling. *The Annals of Mathematical Statistics*, 32(1), 148-170. <https://doi.org/10.1214/aoms/1177705148>
- Gray, J., Sandvoss, C., & Harrington, C. L. (Eds.). (2017). *Fandom: Identities and communities in a mediated world* (2nd ed.). New York University Press.
- Guttmann, A. (2004). *From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports* (Edição atualizada). Columbia University Press.
- Guttmann, A. (2002). *The Olympics: A history of the modern games* (2nd ed.). University of Illinois Press.
- IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. (2021). *Eixo de animação Arthur Bernardes*. https://ippuc.org.br/seuc/mostrarequipamento.php?cd_equi=804
- Jenkins, H. (1992). *Textual Poachers: Television Fans & Participatory Culture*. Routledge.
- Lopes, A. (2021). *De canteiros centrais a espaços públicos de lazer: Formas lineares do sistema de espaços livres*. Editora UFMS. <https://repositorio.ufms.br/jspui/handle/123456789/4342>
- Marchi Júnior, W. (2004). "Sacando" o Voleibol: do amadorismo à espetacularização. Hucitec; Unijuí.
- Marchi Júnior, W. (2015). O esporte “em cena”: Perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico. *Revista da ALESDE*, 5(1), 46-67. <http://dx.doi.org/10.5380/jlasss.v5i1.43890>
- Micaliski, E. L., & Zamboni, K. J. (2023). Modelo analítico do esporte 5 Es: uma revisão de escopo. *Revista da ALESDE*, 15(1). <https://doi.org/10.5380/ra.v15i1.86992>

Minuzzi de Souza, D., Amstel, N. A. van, & Marchi Júnior, W. (2023). O desporto durante a pandemia de COVID-19: reflexões a partir do Modelo Analítico dos 5 E's. *Retos*, 48, 927-936. <https://doi.org/10.47197/retos.v48.97043>

Pastre, T. G. F. de L. (2006). *O basquetebol veterano do Paraná: A formação de grupos e instituições sociais* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Repositório Institucional da UFPR. <http://hdl.handle.net/1884/6299>

Prefeitura de Curitiba. (2024, 19 novembro). *Projeto Inter 2 é estratégico para nova concessão de transporte coletivo*. <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/projeto-inter-2-e-estrategico-para-nova-concessao-de-transporte-coletivo/74983>

Prefeitura de Curitiba. (2025, 15 abril). *Nova Arthur Bernardes terá maior mobilidade urbana e preservação de áreas verdes*. <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/nova-arthur-bernardes-tera-maior-mobilidade-urbana-e-preservacao-de-areas-verdes/76976>

Rechia, S. (2003). *Parques Públicos de Curitiba: A Relação Cidade-Natureza nas Experiências de Lazer* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2003.299807>

Rechia, S. (2007). Curitiba Cidade-Jardim: A relação entre espaços públicos e natureza no âmbito das experiências do lazer e do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 28(3), 89–107. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338530007>

Santos, C. N. F. dos. (1981). *Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. IBAM; FINEP.

Santos, M. (2006). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* (4^a ed., 2^a reimpr.). Editora da Universidade de São Paulo.

Tribuna do Paraná. (2025, 23 abril). *Obras na Arthur Bernardes: movimento critica novas soluções de projeto*. <https://www.tribunapr.com.br/noticias/curitiba-regiao/obras-na-arthur-bernardes-movimento-critica-novas-solucoes-de-projeto/>

van Amstel, N. A. (2024). *A ética católica e o espírito do Olimpismo* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná]. Repositório Digital UFPR. <https://hdl.handle.net/1884/88401>

Anexo I. Roteiro de Entrevista

1. Identificação:
 - Nome:
 - Data de nascimento:
 - Estado civil:
 - Nacionalidade:
 - Endereço (bairro):
 - Distância da praça Arthur Bernardes (em Km):
 - Escolaridade:
 - Filhos:
 - Religião:
 - Ocupação:
 - Renda FAMILIAR (Marque entre E e A):
2. Como você conheceu o basquetebol? Primeiro contato.
3. Qual sua trajetória na modalidade basquetebol? Quantos anos de prática?
4. Você participou/participa de treinos e torneios de basquetebol?
5. Quanto tempo você dedica à prática do basquetebol, em média, por semana?
6. Você pratica outras modalidades esportivas? Se sim, qual/quais? Horários.
7. Como você ficou sabendo do basquetebol aos domingos de manhã na praça Arthur Bernardes? Vai em outras praças em outros dias/horários? Se sim, quais?
8. Por que você vem praticar, regularmente, basquetebol aos domingos de manhã na praça Arthur Bernardes?
9. Desde quando você vem, regularmente, aos domingos de manhã jogar basquetebol na praça Arthur Bernardes?
10. O que você acha das regras do basquetebol da praça Arthur Bernardes? São justas? O que você faz enquanto espera sua vez de jogar? (ética, fair play, regras)
11. Para jogar basquetebol na praça Arthur Bernardes, qual meio de transporte você utiliza?
12. Antes, durante e depois do jogo, quais emoções você sente quando joga basquetebol aos domingos de manhã na praça Arthur Bernardes?
13. Você tem alguma relação de amizade com os outros praticantes, fora da quadra? Se sim, como é? O que fazem?
14. Quando vêm pessoas desconhecidas, como o pessoal se comporta?
15. O que você acha da qualidade da quadra de basquetebol da praça Arthur Bernardes? Alguma crítica à quadra de basquetebol e suas estruturas?
16. Trabalha em qual expediente? Qual a sua carga de trabalho em horas por semana? Você só consegue jogar basquetebol na praça Arthur Bernardes nos finais de semana?
17. Sua família te incentiva para jogar basquetebol na praça Arthur Bernardes? Você mora com quem?
18. Sua religião interfere com o horário do basquetebol? No sentido de horário de cultos, já que o basquetebol acontece no domingo pela manhã.
19. Você acompanha campeonatos de basquetebol? Se sim, qual/quais?
20. Você torce para algum time de basquetebol profissional? (NBA/NBB/Seleção) Acompanha? Assiste?
- Tem camisa? Tem produtos? Consome produtos? Qual tênis usa, como escolhe tênis? Compra regatas de times?
 - Regras da praça em relação ao 3x3 oficial?
 - Se inspira no estilo de jogo de algum jogador, tem apelidos? Algum dia você estava mais inspirado e fez muitas cestas? O pessoal ficou em choque?
 - Pandemia, percebeu mudança na participação? Como foi para você na pandemia?
 - Mais ou menos quantas vezes foi nos últimos 3 meses?
21. Já se machucou, onde e como foi? Quanto tempo ficou fora? Como se sentiu ao não poder praticar esporte?
22. Quem você acha que são os mais estabelecidos/conhecidos? Qual critério você usa para definir quem são?